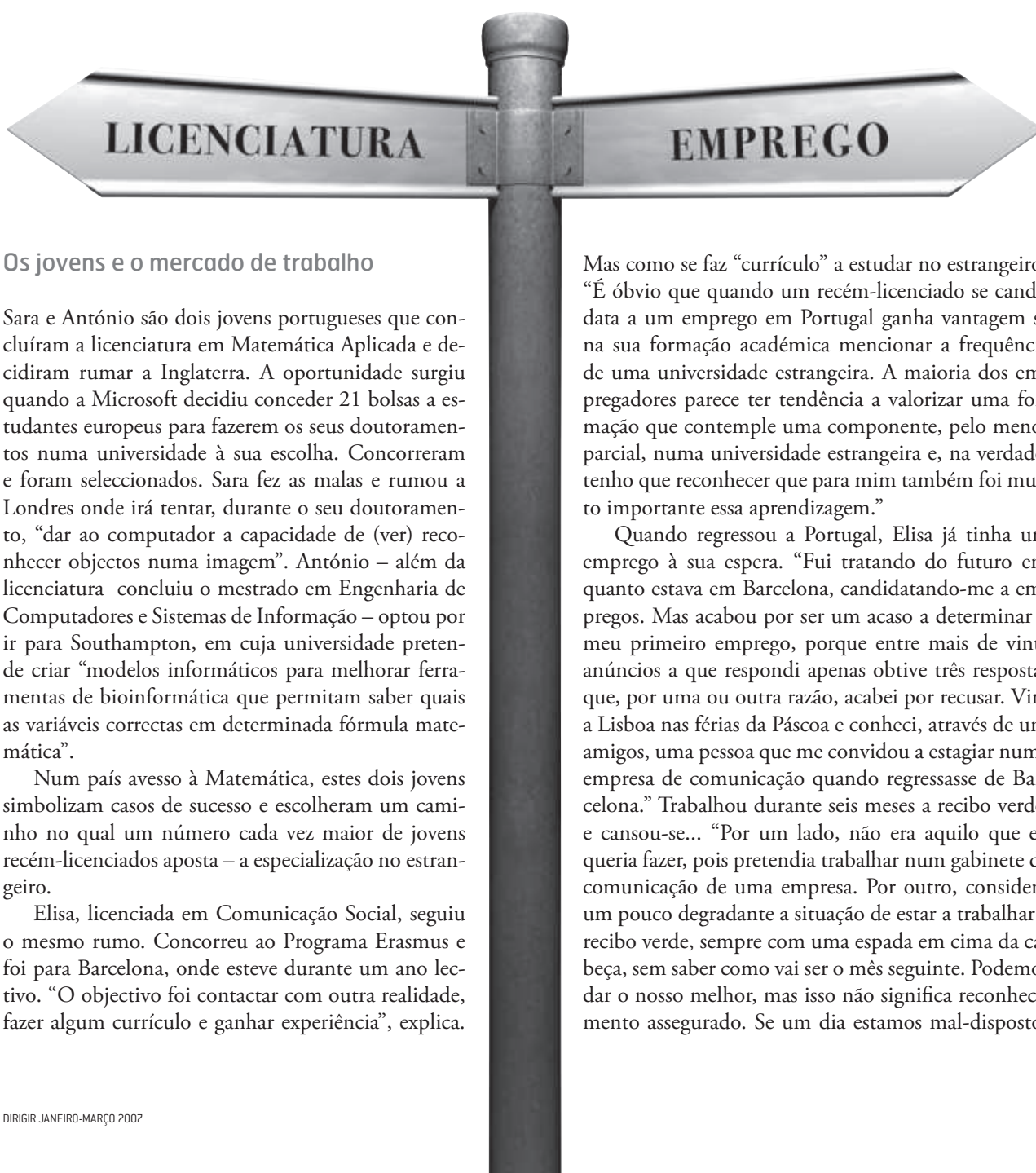


REBELDES... COM CAUSAS!

por: Carlos Barbosa de Oliveira – Jornalista

Os jovens vêem o mercado de trabalho como um funil, com uma abertura cada vez mais estreita. Insurgem-se contra a precaridade dos vínculos laborais e as poucas oportunidades que lhes são dadas mas, a avaliar pelos entrevistados, apesar de algum desânimo não viram a cara à luta. Pelo contrário, acreditam num futuro melhor mas sucessivamente adiado



Os jovens e o mercado de trabalho

Sara e António são dois jovens portugueses que concluíram a licenciatura em Matemática Aplicada e decidiram rumar a Inglaterra. A oportunidade surgiu quando a Microsoft decidiu conceder 21 bolsas a estudantes europeus para fazerem os seus doutoramentos numa universidade à sua escolha. Concorreram e foram seleccionados. Sara fez as malas e rumou a Londres onde irá tentar, durante o seu doutoramento, “dar ao computador a capacidade de (ver) reconhecer objectos numa imagem”. António – além da licenciatura concluiu o mestrado em Engenharia de Computadores e Sistemas de Informação – optou por ir para Southampton, em cuja universidade pretende criar “modelos informáticos para melhorar ferramentas de bioinformática que permitam saber quais as variáveis correctas em determinada fórmula matemática”.

Num país avesso à Matemática, estes dois jovens simbolizam casos de sucesso e escolheram um caminho no qual um número cada vez maior de jovens recém-licenciados aposta – a especialização no estrangeiro.

Elisa, licenciada em Comunicação Social, seguiu o mesmo rumo. Concorreu ao Programa Erasmus e foi para Barcelona, onde esteve durante um ano lectivo. “O objectivo foi contactar com outra realidade, fazer algum currículo e ganhar experiência”, explica.

Mas como se faz “currículo” a estudar no estrangeiro? “É óbvio que quando um recém-licenciado se candidata a um emprego em Portugal ganha vantagem se na sua formação académica mencionar a frequência de uma universidade estrangeira. A maioria dos empregadores parece ter tendência a valorizar uma formação que contemple uma componente, pelo menos parcial, numa universidade estrangeira e, na verdade, tenho que reconhecer que para mim também foi muito importante essa aprendizagem.”

Quando regressou a Portugal, Elisa já tinha um emprego à sua espera. “Fui tratando do futuro enquanto estava em Barcelona, candidatando-me a empregos. Mas acabou por ser um acaso a determinar o meu primeiro emprego, porque entre mais de vinte anúncios a que respondi apenas obtive três respostas que, por uma ou outra razão, acabei por recusar. Vim a Lisboa nas férias da Páscoa e conheci, através de uns amigos, uma pessoa que me convidou a estagiar numa empresa de comunicação quando regressasse de Barcelona.” Trabalhou durante seis meses a recibo verde, e cansou-se... “Por um lado, não era aquilo que eu queria fazer, pois pretendia trabalhar num gabinete de comunicação de uma empresa. Por outro, considero um pouco degradante a situação de estar a trabalhar a recibo verde, sempre com uma espada em cima da cabeça, sem saber como vai ser o mês seguinte. Podemos dar o nosso melhor, mas isso não significa reconhecimento assegurado. Se um dia estamos mal-dispostos



ou falhamos (como toda a gente falha...) podemos ir para o olho da rua e isso é frustrante. Estava cansada – e até um pouco desmotivada – com a situação.” Ao fim de seis meses, Elisa mudou de rumo. “Nunca deixei de responder a anúncios enquanto estava a trabalhar e um dia surgiu a oportunidade de mudar para o emprego que desejava.” Começou com um contrato de trabalho por um ano e ao fim de oito meses a empresa propôs-lhe um contrato definitivo. “Estou satisfeita com o meu trabalho, sinto alguma segurança e embora, como toda a gente, pense que poderei aspirar mais alto, a empresa dá motivação e oportunidades para progredirmos lá dentro. Por agora, penso mais em casar e constituir uma família do que em mudar de emprego.”



A dificuldade da escolha?

A grande maioria dos jovens portugueses não poderá, certamente, incluir-se nos casos bem sucedidos que se acabam de relatar. Ter uma formação académica superior e garantir um emprego com alguma estabilidade ao fim de pouco tempo não é a regra, mas sim a exceção. Muitos estão no desemprego, com contratos precários ou a trabalhar em áreas que pouco ou nada têm a ver com a sua formação académica. É o caso de Helga. Licenciada em Direito percebeu, ainda antes de terminar o curso, que não iria ter vida fácil. A escolha que fizera fora, em grande parte, fruto das séries americanas que via na televisão. “Inicialmente, sonhei com um ramo de direito – o direito criminal – que em Portugal quase não existe. Apercebi-me disso pouco depois de ter entrado para a faculdade, mas como gosto desta área não desisti. Pensei que poderia exercer advocacia e, simultaneamente, ‘dar uma mãozinha no crime’.” Os problemas começaram quando acabou a licenciatura e quis fazer o estágio. A nota fora apenas média e a universidade (privada) onde tirou o curso não era das mais credenciadas. “Estive um ano encalhada, trabalhei no serviço de *frontdesk* de um banco (onde ganhava mal e trabalhava muito, numa área que não tinha nada a ver com a minha formação) até que uma mão caridosa, pai de um amigo, me deixou estagiar no seu escritório”, diz com um laivo de amargura estampado na face. “Senti-me embaraçada, pois parecia que me estavam a dar uma esmola ao me permitirem fazer o estágio. Todos os dias, quando me levantava, em vez de me sentir animada por estar a construir a minha carreira, sentia-me como uma condenada a cumprir a sua pena. Chorava quase todos os dias e estive à beira de uma depressão. Quando o estágio acabou, pensei: ‘Que vou fazer agora? Que caminhos se me abriram?’” Passado mais de um ano, ainda não obteve resposta. As portas a que bateu fecharam-se-lhe, uma atrás da outra. “Enviei dezenas de currículos para empresas, respondi a vários anúncios, mas ninguém me respondeu, a não ser para dizer ‘lamentamos mas o seu currículo não se adequa ao perfil que pretendemos pois não tem experiência’”. Bolas! Querem que uma pessoa com 24 anos tenha uma vasta experiência profissional? Como é que as pessoas podem ter experiência profissional se não lhes dão oportunidade de trabalhar?”, pergunta em jeito de desabafo. “Também concorri para a função pública, mas o congelamento das admissões frustrou-me também essa expectativa...”, acrescenta entre um encolher de ombros.

Face a tantas dificuldades, Helga desencantou-se e decidiu reinventar o seu futuro. Como o Direito “deu



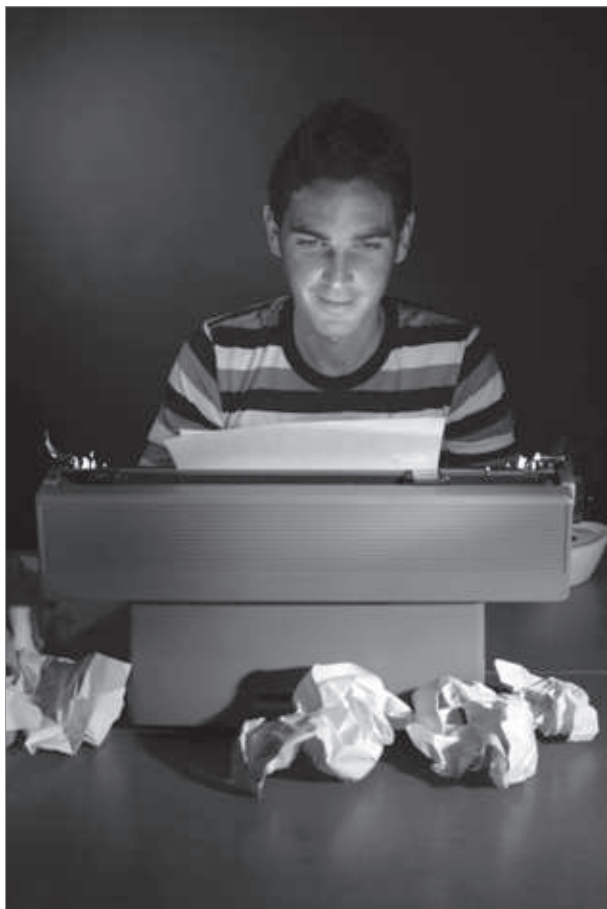
para o torto”, inscreveu-se no curso de Gestão de Empresas. Entretanto, está a trabalhar numa loja de pronto-a-vestir e já aprendeu uma lição que pretende transmitir a outras pessoas que se encontrem em idêntica situação. “Quando se candidatarem a um emprego destes, nunca revelem as vossas habilitações”, avisa. “Candidatei-me a dois ou três lugares e sempre fui recusada por ter excesso de habilitações. Acabei por ser aceite quando disse que era estudante. Ao fim e ao cabo, não menti!”

Helga sente-se agora um pouco mais confortável. Tem dinheiro para as suas despesas pessoais e acredita que quando acabar o curso que escolheu terá mais saídas profissionais. “Agora percebo que os meus amigos que me diziam que tinha feito uma má opção ao escolher Direito tinham razão. O mercado está saturado e não há lugar para os medianos. Só há duas hipóteses: ser muito bom ou ter alguém a quem nos encostarmos. Caso contrário, chegamos à conclusão de que andámos a perder tempo.” E lança uma crítica: “Quando entrei para a universidade não sabia exactamente as saídas profissionais que o curso dava. Era importante que as universidades fossem obrigadas a informar sobre a taxa de empregabilidade dos alunos que frequentam os cursos que oferecem. Ficávamos a fazer uma ideia do que nos espera quando terminarmos o curso. Assim, é quase uma lotaria! Se fazem *rankings* das escolas, porque não fazê-lo também para as universidades? E essa classificação deveria incluir não só a qualidade do ensino como a taxa de empregabilidade dos alunos. Se isso existisse, as nossas opções antes de escolher um curso e uma universidade seriam mais conscientes e ponderadas.”

As voltas que o destino tece

Rui partilha da mesma opinião e vai mais longe. Antes, porém, recorre ao Fado para explicar a razão que o levou a optar pelo curso de Direito. “Tinha o destino traçado desde o dia em que nasci!”, proclama em melopeia fadista, com um sorriso de orelha a orelha. O facto de ser o único filho de um casal de advogados explica a oportunidade da escolha. “Nunca tive dúvidas de que queria seguir Direito, embora não tivesse a certeza se iria exercer advocacia ou optar pela Magistratura. Em minha casa a hora das refeições parecia uma barra de tribunal. Os meus pais amam a sua profissão e faziam-me sentir que ficariam felizes se lhes seguisse as pisadas. Sempre achei que seria uma boa escolha e nunca me preocupei com o futuro profissional, pois sabia que tinha o amparo dos pais para começar caso optasse pela advocacia.” Foi por isso com naturalidade que, em 2004, entrou para a Faculdade de Direito. Porém, o destino por vezes guarda surpresas... Ao fim do 1.º ano, Rui começou a ter dúvidas quanto à sua eterna vocação. “As aulas eram muito teóricas e o que eu estava habituado em casa era a ouvir os meus pais discutirem casos reais. Era isso que me apaixonava e me levou a pensar que o curso seria um prolongamento do ambiente familiar. Enganei-me!” O desencanto durou dois anos... a marcar passo. De aluno brilhante, passou a cábula num ápice! “Como podia estudar e tirar boas notas se achava as matérias uma seca?”, questiona.

Pela primeira vez conheceu o amargo das reprovações. Sem grande mágoa. De palavra e escrita fácil,



mente aberta, muito atento à realidade que o cerca, Rui começou a despertar para outros interesses. Sem saber muito bem explicar porquê, começou a escrever. “Escrever liberta-me, dá-me asas!”, exclama imitando o anúncio de uma bebida muito popular entre os jovens. “Mas não gosto de ficção, gosto de escrever acerca da realidade que me cerca, de passar para o papel aquilo que vejo, as injustiças, as coisas boas da vida ou as que acho que estão mal... Desconhecia esta minha faceta, mas cada vez me apaixonono mais por ela.”

No ano passado decidiu que o seu futuro seria o jornalismo. Frequentou um curso do CENJOR (Centro de Formação Profissional para Jornalistas) onde, afirma, “os professores elogiaram muito a minha capacidade (risos). Alguns pensaram mesmo que eu já trabalhava como jornalista...” Rui sabe que não vai ter vida fácil... “Sei que o mercado de trabalho está muito saturado, os estagiários são muito explorados e vai ser difícil encontrar emprego, mas estou disposto a investir no jornalismo.” Como é que um aluno brilhante troca uma licenciatura por uma paixão que, ainda por cima, reconhece ser arriscada?

“Não estou obcecado pela ideia de tirar um curso superior. Hoje em dia, ter um curso não significa ter emprego assegurado e conheço muita malta que se licenciou e está no desemprego ou a trabalhar a recibo verde. O mais importante, para mim, é trabalhar naquilo que gosto, não é ter um emprego certinho para toda a vida a fazer coisas que detesto!” Enquanto espera pela concretização do seu sonho, Rui teve de fazer algumas cedências. “Para arranjar algum dinheiro e não ter que viver à custa dos meus pais, estou a trabalhar num *call center* de uma empresa de telecomunicações. Aquilo é uma seca, mas há muito material para fazer um trabalho jornalístico. Quem sabe se o meu primeiro artigo a ser publicado não será sobre este tema?”

Vidas sonhadas

Amílcar abandonou a casa dos pais, na Beira interior, para vir para Lisboa “tirar” o curso de História. Não consegue dizer exactamente porque fez essa opção. Uma questão de gosto, mas também a certeza de que pelo menos teria a opção de dar aulas? “Sim, talvez, mas o que tinha a certeza é que não queria ter a vida difícil dos meus pais, sempre a contar os tostões e a fazer um enorme sacrifício para que eu pudesse tirar um curso e ser alguém.” Recorda os primeiros tempos difíceis em Lisboa, o encanto com a capital e o emprego num café de bairro, propriedade dos donos da casa onde alugou um quarto. “Gostavam imenso de mim e quando lhes disse que queria trabalhar, logo se prontificaram a arranjar-me emprego no café. Foram dias difíceis, com aulas de manhã, trabalho até às oito ou nove e estudo à noite. Ganhava pouco mas dava para aliviar os meus pais e ainda guardava algum para me divertir um pouco ao fim-de-semana.” Foi num desses “sítios giros” que conheceu Isabel, estudante de Design. Cupido intrometeu-se e deu a volta à história. Isabel não mostrava muita apetência para o Design, mas em vida artística e revistas cor-de-rosa sabia bem contornar e controlar as situações. Quando lhe fizeram um convite para entrar numa telenovela, nem pestanejou. Adeus Design, olá Mundo, que quero ser famosa! Amílcar deixou de fazer parte do seu filme, mas não descansou enquanto não conseguiu arranjar uma oportunidade para fazer um *casting*. “Disseram-me que naquela altura não tinham nenhum papel para mim mas que dali a alguns meses me chamariam. Tiraram-me fotografias (diziam que era para fazer o meu portefólio), paguei quase 200 euros e até hoje estou à espera que me chamem!”, diz entre a revolta e o desencanto. Caiu no “conto do vi-



gário” de uma empresa que alicia jovens fascinados pela vidas dos actores de telenovelas com promessas de trabalho que nunca se concretizam, mas não desarma. Amílcar ainda tem esperança de um dia ser chamado a interpretar um papel que o projecte para o estrelato. (E, quem sabe, contracenar com Isabel para que seja uma história com final feliz?) Encolhe os ombros perante a ideia de reencontrar Isabel no palco das estrelas depois de ela o ter abandonado no palco da vida e muda de assunto. “Por agora estou a trabalhar e continuo a estudar, mas não sei se vou acabar o curso. P’ra quê? O meu curso não tem saídas profissionais e mesmo que opte pela via do ensino o mais provável é ter que sair de Lisboa e isso não quero.” Por isso aceitou “sem pestanejar” um emprego num restaurante de Lisboa, muito frequentado pelo *jet-set*. Considera a aposta “um bom investimento em termos de carreira porque aqui vem muita gente conhecida e é através deles que eu vou ter a minha oportunidade”, afiança com um brilho baço nos olhos. Por agora, apenas conseguiu engrossar o exército de inconformados e indecisos que se desiludem com a opção académica que fizeram e procuram outros rumos a dar à sua vida, mas tem uma certeza: “Voltar à aldeia, só para ver os meus pais. O meu futuro para já está em Lisboa. No Verão talvez vá trabalhar para o restaurante que os patrões têm no Algarve, mas sair daqui só para o estrangeiro. Portugal é Lisboa e o resto é conversa. Só aqui é que surgem as oportunidades.”

Percurso inverso pretende seguir Horácio. Nasceu em Beja, mas veio viver com os pais para Lisboa aos 12 anos. No próximo ano lectivo vai iniciar a sua licenciatura em Gestão Turística e, quando terminar, quer ir viver para o Alentejo. Que motivações podem levar um jovem a

trocar Lisboa pela província? Horácio aponta o exemplo do irmão. “Foi estudar para Escola Superior Agrária, em Beja, sempre com a ideia de que iria voltar a Lisboa, talvez para trabalhar no Ministério da Agricultura, mas já terminou o curso de Engenharia Agro-Pecuária há dois anos e decidiu ficar por lá.” E o que pretende Horácio fazer no Alentejo com o curso de Gestão Turística? “O turismo está a desenvolver-se muito rapidamente em todo o Alentejo e acho que daqui a três anos, quando acabar o curso, não me vão faltar oportunidades de emprego. Desde que deixei Beja que pensei que um dia havia de voltar para o Alentejo mas, sinceramente, não via grandes oportunidades. Hoje, com o Alqueva e o desenvolvimento turístico da costa, não vão faltar empregos.” E dá um exemplo para reforçar a sua convicção: “Neste momento, o turismo não se desenvolve mais no Alentejo porque não há mão-de-obra qualificada para trabalhar na hotelaria. Em Mértola, por exemplo, abriu ano passado um hotel que não consegue arranjar um cozinheiro habilitado!” Horácio garante, porém, que a sua opção não foi apenas baseada em critérios de oportunidade. “É verdade que o desenvolvimento turístico do Alentejo foi importante para eu me decidir por esta área, mas sempre me imaginei a trabalhar no turismo.” Além de determinado, Horácio mostra ter, aos 17 anos, espírito empreendedor. “A minha ambição é criar e gerir um pequeno projecto. Talvez na área do Turismo Rural, em sociedade com o meu irmão, daqui a uns anos consiga o que pretendo. Ele já anda a tratar disso...”

A sonhar com um futuro risonho também está o Pedro. Em criança, ocupava o tempo todo a fazer construções com o Lego. Imaginou-se arquitecto, mais tarde engenheiro civil, depois ainda pensou “muito ao de leve,

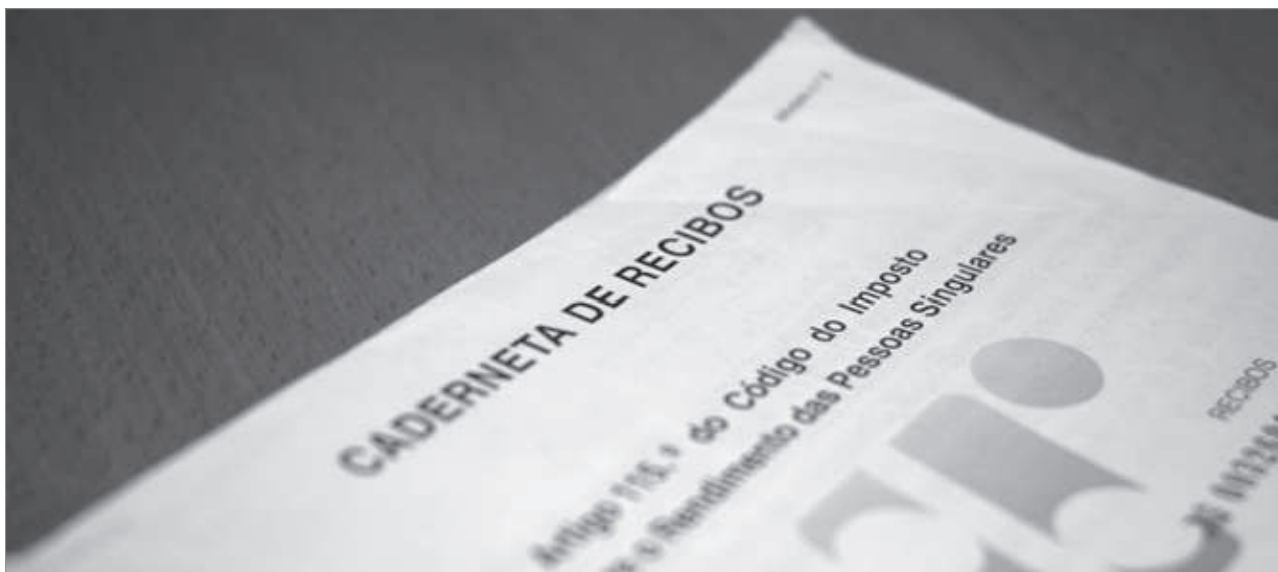


porque acho que é um curso sem grandes saídas”, em “tirar” Geografia mas na hora de tomar uma decisão acabou por optar por Engenharia do Ambiente. O seio familiar, onde as questões ambientais eram discutidas com frequência, influenciou na sua escolha, mas foi no liceu que começou a interessar-se mais por esses temas. “Sempre segui com atenção as discussões sobre as alterações climáticas e as questões à volta do Protocolo de Quioto e não percebia porque geravam tanta controvérsia. Para mim, era claro que tínhamos que fazer tudo para salvar o Planeta. Li e estudei muito sobre o assunto e, quando tive que decidir o caminho a seguir, optei por este ramo da engenharia. Acho que posso ser mais útil à sociedade do que a construir casas...” A frequentar o 2.º ano, Pedro mostra-se cada vez mais entusiasmado com o curso que escolheu. “Foi uma boa aposta. Gosto do curso e vejo que tem mais saídas do que imaginava. Os jovens estão mal informados acerca das necessidades do país e a

maioria ainda não percebeu que áreas relacionadas com o desenvolvimento sustentável estão a ter um crescimento muito rápido. Juntamente com as áreas das novas tecnologias, têm um grande potencial de emprego, um aspecto que hoje em dia é importante considerar quando se escolhe um curso.” Pedro agradece aos pais “terem-me aberto os olhos para a necessidade de estudar as saídas profissionais de cada um dos cursos que ia manifestando vontade de tirar”. E dá o exemplo da irmã, que conclui a licenciatura em Sociologia há um ano. “Matou-se a estudar, licenciou-se com notas muito altas, mas nem como professora consegue arranjar emprego e está a trabalhar num *call center*. Já viu a frustração que é andar a estudar durante anos para isto?”

Muitos jovens – à procura do primeiro emprego, com vínculo de trabalho precário ou a trabalhar em áreas que nada têm a ver com a sua formação académica – farão a





mesma pergunta. Muitos deles interrogar-se-ão mesmo sobre as razões que levam a que seja mais difícil aos licenciados encontrarem um posto de trabalho compatível do que a jovens com formação intermédia. O que falta a muitos destes jovens, para obterem resposta às questões que colocam, é a percepção de que o mercado de trabalho mudou radicalmente nos últimos anos e que um curso superior não significa, como outrora, garantia de emprego. A evolução tecnológica, de que os jovens são os mais entusiastas e quiçá os principais beneficiários é, paradoxalmente, responsável (em parte) por esta angústia que eles manifestam. Com efeito, não foi apenas a globalização que ditou importantes alterações no mercado de trabalho. O desenvolvimento das novas tecnologias contribuiu de forma definitiva para que novas competências e novas áreas de formação académica sejam requeridas para encontrar um posto de trabalho. Falta a muitos jovens um conhecimento adequado das ofertas de emprego proporcionadas pela Sociedade do Conhecimento, manifestamente maioritárias nas áreas tecnológicas em detrimento das humanísticas. Os entrevistados, embora não constituam uma amostra com qualquer valor científico, são um exemplo paradigmático do que referi.

Por outro lado, os jovens carecem, no momento de fazerem as suas opções, de informação adequada que lhes permita perceber quais os cursos que oferecem “mais saídas” e aqueles cujo mercado de emprego se encontra saturado. Esta informação é essencial, pois muitos dos cursos “oferecidos” hoje em dia pelas universidades mais não são do que o ponto de partida da “Via Sacra” do desemprego. Seja pela reduzida oferta de empregos nessas

áreas, seja pela fraca qualidade técnico-científica, alguns cursos ministrados em universidades portuguesas estão descredibilizados no mercado de trabalho mas nem os jovens, nem os seus pais, conhecem normalmente essa realidade. É imperioso “fazer qualquer coisa” no sentido de orientar os jovens, e “qualquer coisa” significa não apenas fornecer a informação já referida como chamar a atenção para as ofertas e carências do mercado de trabalho. A Sociedade do Conhecimento exige qualificações em áreas que muitos jovens portugueses “desvalorizam”, apenas por não terem a percepção de que num mundo cada vez mais tecnológico e mais empenhado na sustentabilidade, o mercado de trabalho abriu leques de oportunidade muito vastos mas pouco explorados.

Por último, apesar da evolução geracional das três últimas décadas, os jovens portugueses ainda estão muito arreigados à ideia de que um curso superior pode ser uma porta aberta para um emprego bem remunerado e estável. Só que, hoje em dia, nem essa estabilidade existe, nem os empregos “bem remunerados” tendem a aumentar. A garantia de estabilidade e de “emprego de sucesso” tem tendência a assentar no empreendedorismo, sinónimo de risco, que é algo a que os Portugueses são tão avessos como ao estudo da Matemática. A verdade, porém, é que tal como aconteceu com a Sandra e o António, na área da Matemática, também não faltam exemplos de jovens empreendedores com sucesso. Um pouco mais de divulgação desses casos talvez convença mais jovens a apostar na construção do seu próprio futuro em vez de o depositarem nas mãos de terceiros.